

O SENTIDO DO ENVELHECER

JANICE RECHULSKI

Psicóloga, terapeuta individual, de famílias e casais; sócia fundadora e docente no Instituto Sistemas Humanos.

O texto *Velhice: Considerações sobre o envelhecimento: Imagens no Espelho* de Divina dos Santos, Maria Arlene Moreira e Ceneide Cerveney, me tocou profundamente.

Esta leitura me aproximou e colocou luz sobre algumas das minhas inquietações atuais.

Que velhice venho construindo em mim?

Como envelhecer sem amargar?

Como são os meus encontros com os mais velhos na minha prática clínica?

As autoras nos falam do envelhecer na sociedade atual.

Esta sociedade chamada “sociedade do espetáculo”, que supervaloriza o belo e o prazer: que lugar dá ao idoso com os seus processos degenerativos e com as dores do ser?

Importante colocar que o idoso é colaborador e coautor deste pensar.

Hoje, uma ambivalência social vivemos, que dá e não dá lugar ao idoso. Ele é visível se estiver de acordo com as características que o mercado determina. Precisa estar em forma, consumir, viajar, não se queixar. Os que não correspondem aos padrões se isolam, provavelmente deprimem e ficam invisíveis.

No texto, as autoras trazem a importância do olhar do outro através de Múcida (2009): “O conceito de identidade carrega uma tecidura em torno das relações sociais, culturais e individuais. Usando a metáfora de espelhos e a importância do olhar do outro para a consistência do eu, a autora citada afirma que, na velhice, o olhar para uma imagem que denuncia as modificações corporais do tempo refletidas no espelho mostra a carência de um lugar social de pertencimento, de laços afetivos, sociais e familiares.”

Acredito que a velhice é o estágio da vida que mais nos prepara e aproxima da morte. Creio que a dualidade vida-morte se dilui, pois a morte, diferentemente de outras etapas, passa a integrar a vida, colocando em evidência a nossa finitude.

“Envelhecer é o destino de todos, sabemos. Vagamente. Todos se consideram informados a respeito, mas o conceito continua sendo abstrato, e esta consciência do destino coletivo da espécie não prepara ninguém para a experiência solitária da Sua velhice e para a experiência dilacerante da Sua morte” (GROULT, 2008).

Muitos idosos não conseguem desfrutar da longevidade por inúmeros fatores: desde as perdas de sua vida, as doenças, as incertezas, a condição de vulnerabilidade. Por vezes, se retiram da vida e precipitam a morte na vida.

O que nos ajuda a enfrentar este paradoxo de caminhar vivo em direção à morte são as relações de afeto, a convivência com os contemporâneos, se sentir desejado para estar no meio de amigos e familiares queridos numa rede que tece a vida através de laços e poder, ainda assim, se engajar em projetos.

Se aprendemos quando jovens que só sabe ganhar quem sabe perder, na velhice este aprendizado cai como uma luva: como estar em contato com as perdas sabendo tirar deste poço sem fundo alguma luz para continuar a sonhar?

Ao observar os últimos grãos de areia se precipitando na ampulheta da vida, somos lançados aos braços de nossa finitude.

Quando estava elaborando este texto, pensei que o próprio processo do envelhecer pode nos preparar para aceitar a finitude. Lendo *A Velhice* de Simone de Beauvoir, me encontrei nesta fala de Freud (1926) em conversa com Viereck: “Talvez, os deuses sejam clementes ao tornar-nos a vida mais desagradável quando ficamos velhos. No fim, a morte parece menos intolerável do que os múltiplos fardos que carregamos.”

REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S.** (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Groult, B.** (2008). *Um toque na estrela*. Rio de Janeiro: Record.